



UMA AVÓ, DOIS FILHOS E UMA NETA: MEMÓRIAS GERACIONAIS DA INFÂNCIA

A GRANDMOTHER, TWO CHILDREN AND A GRANDDAUGHTER: GENERAL MEMORIES OF CHILDHOOD

Amanda Goulart¹

Lucy Cristina Ostetto²

RESUMO: A presente pesquisa expressa as diferenças geracionais vivenciadas pelas infâncias na família Silvestre de Pedras Grandes – SC. O objetivo do estudo foi reconhecer a singularidade das diferentes formas de se viver a infância e relacionar as memórias com a história e a Sociologia da infância. A metodologia adotada foi a entrevista narrativa de quatro participantes da mesma família em diferentes épocas, sendo a primeira entrevistada nascida no ano de 1938, seus dois filhos, um nascido em 1969 e a outra nascida em 1970, e sua neta que nasceu em 2002. As narrativas foram divididas em três subcapítulos para análise, sendo estes: Convivência familiar e comunitária; Lembranças de brinquedos e brincadeiras; Recordações do tempo de escola. As referências utilizadas para o estudo sobre a história e a sociologia foram: Philippe Ariés, História social da criança e da família (1981); Maria de Fátima das Neves Moreira, A infância no passado brasileiro (1999); Sandra Mara Corazza, A história da infância sem fim (2000); Moysés Kuhlmann, Rogério Fernandes, Sobre a história da infância (2004); Manuel Sarmiento, Sociologia da infância: Correntes e confluências (2008). Percebe-se pelas lembranças que o brincar sempre esteve presente no desenvolvimento das crianças, para apresentar essa importância utilizei a autora Ângela Meyer Borba (2007) O brincar como um modo de ser e estar no mundo. Pôde-se constatar nessa pesquisa que não há um modelo de infância universal, e sim variadas formas singulares de se viver a infância atravessadas por diferenças diacrônicas e sincrônicas que precisam ser estudadas e respeitadas.

PALAVRAS CHAVE: Diversidades intergeracionais; Memórias de infância; História e Sociologia da Infância.

ABSTRACT: This research expresses the generational differences experienced by childhoods in the Silvestre family of Pedras Grandes - SC. The aim of the study was to recognize the uniqueness of the different ways of living childhood and to relate memories with the history and sociology of childhood. The methodology adopted was the narrative interview of four participants from the same family at different times, being the first interviewee born in 1938, her two children, one born in 1969 and the other born in 1970, and her granddaughter born in

¹ Graduada em Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense/ Unesc.

² Mestre em Educação. Docente da Unesc. lco@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

2002. The narratives were divided into three subchapters for analysis, as follows: Family and community life; Toy and play souvenirs; Memories of school time. The references used for the study of history and sociology were: Philippe Ariés, *Child and Family Social History* (1981); Maria de Fátima das Neves Moreira, *Childhood in the Brazilian Past* (1999); Sandra Mara Corazza, *The History of Endless Childhood* (2000); Moysés Kuhlmann, Rogério Fernandes, *About the history of childhood* (2004); Manuel Sarmento, *Sociology of childhood: Currents and confluences* (2008). It is clear from the memories that playing has always been present in the development of children, to present this importance I used the author Ângela Meyer Borba (2007) *Playing as a way of being and being in the world*. It was found in this research that there is no universal model of childhood, but rather different ways of living childhood crossed by diachronic and synchronic differences that need to be studied and respected.

KEYWORDS: Intergenerational diversity; Childhood memories; History and Sociology of Childhood.

1 INTRODUÇÃO

Uma geração partilha acontecimentos históricos e sociais, mas em contato com outras gerações se desenvolve um conflito de ideias que originam mudanças sociais. Assim é a geração da infância que segue em constante modificação, marcada pela saída e a entrada de crianças em diferentes contextos sociais, históricos e culturais. Por isso, o presente trabalho buscou problematizar a memória e a identidade das infâncias vivenciadas pelas gerações da família Silvestre do município de Pedras Grandes – SC.

Essa família sempre morou na cidade e próximos uns dos outros. Como tenho vínculo familiar em Pedras Grandes, com as visitas frequentes entre amigos em comum, os conheci. E a partir dos diálogos, foi possível ouvir com frequência frases como: “No meu tempo, criança não brincava assim. Não tinha esse privilégio!”. Essa situação coincidiu com os estudos sobre o conceito, o sentimento e as formas de se viver a infância que estava sendo realizado no terceiro semestre da faculdade de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), na disciplina de “Teorias e Saberes da Infância”. Sendo assim, foi possível compreender que embora as crianças sempre existissem biologicamente e sociologicamente, esse período da vida nem sempre foi considerado como singular tal como o entendemos hoje, sendo que envolve questões de classe, gênero, geração e etc. Portanto, recortei como problema a seguinte questão: Quais as diferenças geracionais vivenciadas pelas

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

infâncias na família Silvestre de Pedras Grandes - SC? Como forma de reconhecer a singularidade de cada infância busquei analisar os seguintes aspectos da questão: Convivência familiar e comunitária; Lembranças de brinquedos e brincadeiras; Recordações do tempo de escola.

A linha de pesquisa contemplada é “fundamentos da educação”, pois se desenvolve a partir da análise das diversidades intergeracionais da infância na família Silvestre de Pedras Grandes- SC, investigando a sua história, cultura e memória. Nesse sentido, têm-se como objetivo geral: Conhecer as diferentes formas de se viver a infância nas gerações dessa família. E os objetivos específicos foram: Caracterizar a infância de cada geração; relacionar as características de cada geração com a História e a Sociologia da Infância; reconhecer a singularidade das diferentes formas de se viver a infância.

Os autores principais que serviram de apoio para os estudos foram: Philippe Ariés, História social da criança e da família (1981); Maria de Fátima das Neves Moreira, A infância no passado brasileiro (1999); Sandra Mara Corazza, A história da infância sem fim (2000); Moysés Kuhlmann, Rogério Fernandes, Sobre a história da infância (2004); Manuel Sarmiento, Sociologia da infância: Correntes e confluências (2008).

Esse estudo foi dividido em seis seções, sendo estas: Introdução; A ideia de infância ao longo dos tempos; Infâncias brasileiras: retratos; Perspectivas sociológicas da infância; A infância de cada geração de uma família Silvestre de Pedras Grandes-SC: relação com a História e a Sociologia da Infância; Conclusão e Referências.

Portanto, a pesquisa será importante para romper com a ideia de uma infância universal, pois pretende contribuir para uma reflexão crítica sobre os aspectos sociais que englobam esse período inicial da vida que está em constante mudança, e dessa forma reconhecer a singularidade das variadas formas de se viver a infância. Além disso, ela contribuirá para fomentar a relevância de trabalhar com a investigação das memórias. Embora tenha muitos estudos sobre a infância, não há nenhum com esse viés, desse modo à pesquisa se torna inédita.

2 A IDEIA DE INFÂNCIA AO LONGO DOS TEMPOS

Atualmente os estudos têm demonstrado a importância de estudar a infância, pois suas interrogações repercutem em várias áreas do conhecimento. Porém, será que a mesma sempre teve esse olhar sobre a particularidade infantil? Para esse estudo analiso a percepção sobre a infância do autor Philippe Ariès que foi um importante historiador francês sobre a família e a infância.

Philippe Ariès (1981) em seu livro “História social da criança e da família”, diz que na sociedade medieval essa consciência da particularidade infantil não existia. Por isso, assim que a criança tinha um pouco mais de autonomia, já ingressava no mundo adulto. No entanto, no século XVI e XVII, nas camadas superiores surge um novo sentimento sobre a infância chamado de “paparicação”, em que a criança é uma distração para o adulto em vista da sua graça. Entre os moralistas do século XVII é que surge o interesse psicológico e a preocupação moral buscando preservá-las e discipliná-las. No século XVIII, unem-se esses dois e formam outro novo sentimento que seria a preocupação com a higiene e a saúde física.

Ariès (1981) ainda relata que, a sociedade na Idade Média não se preocupava com a diferença das idades. Sendo assim, crianças e adultos estudavam em um mesmo espaço. E, somente mais tarde, começou-se a dividir os estudantes em grupos com as mesmas capacidades, orientados por um mestre. Essa distinção indicava uma conscientização da particularidade da infância, que têm duas novas preocupações: a noção de fragilidade e a responsabilidade moral do mestre, pois, a criança bem-educada seria preservada da imoralidade. De um lado separavam as crianças das mais velhas, mas também os ricos dos pobres, como o pequeno burguês e o moleque.

Com os reformadores escolásticos do século XV e os jesuítas do século XVII surge o sentido da particularidade infantil, o conhecimento da psicologia infantil. Nesse tempo embora não fosse monopólio de uma classe, era monopólio de um sexo, pois as mulheres não podiam estudar. Enquanto os meninos iam para a escola, elas recebiam aprendizagem doméstica ou eram enviadas aos conventos (ARIÈS, 1981).

Os estudos de Ariès (1981) foram realizados na França, e muitos são os autores que o criticaram. Dentre eles destacam-se Kuhlmann e Fernandes (2004) que consideram sua

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

tese muito negativista ao afirmar que a consciência da particularidade infantil demorou para ser desenvolvida, visto que havia uma preocupação com a saúde das crianças e a infância era marcada pela rejeição ou amor dos pais.

Essa é uma pequena parte da história social da criança, visto que o longo do tempo sofreu diversas modificações e as crianças de várias gerações de diversos lugares experimentaram a infância de forma diferenciada. Por isso é necessário fazer um estudo mais abrangente. No entanto, é possível perceber o quanto a Pedagogia foi e está sendo modificada a partir das interrogações que foram surgindo e ao contexto em que a criança está inserida. Tem-se então uma consciência de que todas as experiências de se viver a infância têm sua relevância, por isso a importância dessa pesquisa para ressaltar a notoriedade da particularidade infantil de forma que o pensamento pedagógico reveja suas verdades.

Entre os estudos realizados sobre a infância, destaca-se o livro de Sandra Mara Corazza (2000) “História da infância sem fim”, que apresenta inicialmente como era a infância em Roma. Marcada pela pátria *potestas*, o pai é quem tinha total autoridade sobre a vida do filho desde o nascimento, isso ficava muito claro no ato de elevação do filho para a comunidade em ato público, pois assim decidia-se a morte ou vida da criança. Na época clássica, apesar da resistência, quem decidiria se a criança morria ou sobrevivia era o poder que ordenava a vida.

Esse dispositivo de infantilidade produziu a primeira ideia de infância, em que a partir dos séculos I e II a união dos corpos passa-se a ser considerada sagrada, inclusive os frutos que provinham dela. E essa linhagem sanguínea era essencial visto que, posteriormente, serviria como forma de poder; o primogênito salvaguardaria o nome e a menina serviria como moeda de troca para o estabelecimento de alianças. A infância era tida em estreita relação com a dependência do adulto, logo sua identidade era sujeita às instituições disciplinares.

Ainda segundo Corazza (2000) ao longo do tempo, a relação entre o homem e a infância se deu de diferentes formas, resultando no surgimento de vários nomes de identificação. “Enjeitada”, “Achada”, eram os nomes dados as crianças que foram rejeitadas pela família e expostas na roda dos expostos como oferta a quem desejasse. Corazza (2000) argumenta que junto a essas crianças expostas, raramente iam alguns objetos para posteriormente ter uma identificação, caso contrário, tinha apenas um corpo. A roda dos

expostos pendurou por alguns séculos desde a antiguidade e em alguns países como: França, Alemanha, Itália, Brasil, Portugal. A exposição diferencia-se do infanticídio, pois a roda localizada no vão estreito de um muro funcionava como uma instituição que recolhia as crianças antes deixadas em qualquer lugar à mercê da própria sorte, como nos tempos antigos de Roma, Egito e Grécia.

Kullman e Fernandes (2004, p.16) apontam que “a infância é o período da palavra inarticulada, a apropriação de um sistema pessoal de comunicação. Já o vocábulo criança indica uma realidade psicobiológica”. Quando os autores explicam sobre o significado do vocábulo criança, falam da interferência do biológico no comportamento. No entanto, ressaltam a infância como a fase do desenvolvimento em que ocorre as primeiras experiências e contato com o mundo, e a partir delas, vão surgindo suas características sociais e individuais. Os autores ainda assinalam vocábulos em Portugal como: a palavra *parvo* (*s*) eram crianças que estavam aprendendo a falar; a palavra *Enfant* que era utilizado para levar alguém a realizar as tarefas, como por exemplo “*enfants perdus*”, eram as crianças soldados da primeira fila que estavam mais expostas ao perigo, podendo ser perdidas; Na Itália (*bambino*); França (*Bambin*; *pitchoun*; *marmots*; *bébé*; *petit peuple*; entre outros nomes que derivaram de línguas estrangeiras); *menino* criança crescida que pode ser açoitada; *moço* a partir dos três ou quatro anos; *cachopos* moço que tinha desenvoltura no movimento, tanto que usavam “cavalinhos de canas” e imitavam as montadas. É notório que todas essas palavras apresentam relações de dependência e submissão. Além disso, percebe-se que os sentidos de cada palavra dependendo do contexto e do tempo foram sendo modificados.

Arroyo (2008, p.127) salienta também que a “ideia de infância foi constituída pelas diversas ciências em tempos de longa duração. Categorias, concepções e estatutos vinculados com o poder e as distinções geracionais, com o futuro e as ideias de progresso”. Logo, os estudos da infância foram se constituindo a partir da concepção que os adultos fazem sobre esse período, e como a própria criança vivencia essa fase.

3 INFÂNCIAS BRASILEIRAS: RETRATOS

Como os três primeiros entrevistados dessa pesquisa vivenciaram a infância no século XX, segue abaixo alguns retratos das infâncias vivenciadas no passado brasileiro, para posteriormente analisar convergências e divergências.

Até o ano de 1960, havia uma elevada taxa de mortalidade infantil. No entanto, a morte era vista com naturalidade pela família patriarcal antiga, já que a criança iria morar com os anjos e logo outra viria para substituir. “E com o passar dos anos, finalmente a infância brasileira se tornou objeto de estudo, principalmente a indígena, as abandonadas, escravizadas e marginalizadas.” (MOREIRA, 1999, p.124).

Segundo Moreira (1999), os registros históricos demonstram, sobretudo, nas classes menos privilegiadas algo que frequentemente acontecia; a bastardia, que eram os filhos resultantes de união fora do casamento. Quando isso ocorria na elite, geralmente eram descobertos quando o homem já estava em leito de morte.

Outro elemento a ser destacado no cenário brasileiro é o trabalho infantil, em que crianças buscavam água, levavam comida para os mais velhos trabalhadores e etc. A autora ainda destaca alguns grupos de crianças brasileiras, levantando alguns aspectos da sua vida. Dentre eles há a criança da elite que apesar de conviver com as negras desde que nasciam ao serem alimentadas por sua ama, quando chegavam à adolescência eram instruídas a ocupar o seu lugar, mantendo a exclusão vigente. Também era comum meninos e meninas terem um (a) escravo (a) do mesmo sexo e idade, e a relação que deveria ser de companheirismo, dependendo do contexto, revelava uma face violenta. Enquanto eram educadas em casa, as crianças pobres da sociedade colonial e imperial trabalhavam na agricultura ou em atividades urbanas, pois não havia escola para elas. Portanto, eram privadas não só de educação, mas de lazer também, por terem pouquíssimas horas de distração.

Outros grupos mencionados por Moreira (1999) são as crianças indígenas que vinham ao mundo com suas mães de cócoras e sozinhas, e apresentavam boas práticas de higiene. Logo, para proteger de espíritos malignos pintavam o corpo da criança e furavam algumas partes da cabeça. Era uma infância marcada por jogos e brincadeiras, como cantos, lutas e danças que buscavam incutir a obediência aos mais velhos por meio da parte lúdica.

Além disso, quem confeccionava os brinquedos eram as próprias mães. Uma história marcada pela chegada dos europeus que se julgavam superiores a esse grupo e por isso impuseram seus costumes e educação. Corazza (2000, p.136) também destaca nesse cenário que:

[...] quatro ou cinco órfãos dos nascidos de pai português, mas mãe brasileira que viviam em casa sob o regimento do pai fossem recolhidos por algum tempo ao colégio; enquanto outros tantos eram pedidos ao cacique indígena. Assim, crianças índias e mestiças, chamadas os ‘órfãos da terra’, reuniam-se sob cuidados jesuíticos nas ‘Casas de Muchachos’.

Sendo assim, para constituir um saber cristão de desapego a carne e as necessidades físicas era necessário impor a “disciplina” durante toda a semana com castigos físicos, privação alimentar. Aqueles que se recusassem a participar desse processo sofriam corretivos pedagógicos.

Moreira (1999) relata sobre as crianças escravas que trabalhavam com as mães nas lavouras de café e açúcar. Quando menores iam amarrados às mães para todos os lugares. Na cidade ou na fazenda, meninas se ocupavam do trabalho doméstico e os meninos serviam a mesa, engraxavam sapatos, carregavam coisas e distraíam as visitas, e estes não escapavam da crueldade praticada pelos seus ditos “donos”. E por fim têm as crianças abandonadas nas portas das igrejas ou residências particulares tanto por falta de condições de cuidado por serem bastardas. E ali ficavam expostas a escassez material e as várias doenças que surgiam. As sobreviventes a partir de certa idade passavam a desempenhar inúmeras tarefas. A adoção era muito rara, e muitas crianças crescidas iam morar em casa de família prestando serviços.

Analisando os estudos de Moreira (1999) e Corazza (2000) é possível perceber que no final do século XX, a infância para a maioria dos (as) brasileiros (as) continuava sendo marcada pela diversidade de experiências de infância, devido ao pertencimento de classes sociais, cultura, questões de gênero e condições socioambientais diversas.

4 PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS DA INFÂNCIA

Para compreender melhor as perspectivas sociológicas da infância, é necessário entender o conceito de geração:

A geração consiste num grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo, originando uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso de vida. A ação de cada geração, em interação com as imediatamente precedentes, origina tensões potenciadoras de mudança social. (SARMENTO, 2005, p.364).

Embora a geração compartilhe esses acontecimentos históricos e sociais significativos para o grupo, possui diferenças internas relacionadas a classe, ao gênero ou a etnia. E essas diferenças entrelaçadas aos fatos vivenciados e as outras gerações originam conflitos que modificam as percepções sobre o mundo.

Logo, a infância é uma categoria geracional que com o passar dos anos mudam-se os seus atores concretos. Mas, segundo Sarmiento (2008, p.19), por muito tempo houve uma ausência da infância no estudo sociológico;

As razões sociais residem na subalternidade da infância relativamente ao mundo dos adultos; com efeito, as crianças, durante séculos, foram representadas prioritariamente como “homúnculos”, seres humanos miniaturizados que só valia a pena estudar e cuidar pela sua incompletude e imperfeição. Estes seres sociais “em trânsito” para a vida adulta foram, deste modo, analisados prioritariamente como objeto do cuidado dos adultos.

A infância ocupa uma posição estrutural condicionada pela relação com outras categorias geracionais, pois necessita dos adultos para a provisão de bens necessários para a sobrevivência. Sendo assim, o poder de controle dos adultos sobre a criança é legitimado independente do contexto social (SARMENTO, 2008).

Essa imagem dominante descrita por Sarmiento faz parecer que as crianças não eram enxergadas como seres sociais. No entanto como Borba (2007) afirma, as crianças ao brincar se apropriam do mundo adulto de acordo com a realidade vivenciada e operam novos significados sobre ele. Logo, as crianças não estão em vias de ser, elas são seres sociais plenos que constituem vontade e capacidade de opinar entre valores distintos. Assim, as crianças são co-construtoras da infância (SARMENTO, 2008). Portanto, a consideração da infância como categoria social se desenvolveu no final do século XX; surgindo a designação de “nova Sociologia da Infância”. Dessa forma, a infância não é mais vista apenas pela perspectiva psicobiológica, e, nesse sentido, a criança deixa de ser considerada um ser passivo e passa a ser reconhecida como atuante na sociedade.

Ao longo do tempo, a infância foi atribuindo diferentes papéis sociais e constituída por diversas imagens sociais.

A historiografia tem mostrado que a infância é uma produção histórica, que na história novos imaginários e novas verdades vão sendo construídos. Imaginários e verdades se tornam dominantes em determinados contextos, enquanto em outros eles se quebram e novos imaginários são configurados. (ARROYO, 2008, p.121).

Por exemplo, o que por anos foi considerado papel social da criança, hoje é condenado. Já as desigualdades que ocorrem ao mesmo tempo sobre a infância estão relacionadas a pertença de classes sociais, a raça, gênero e ao contexto de vida em que a criança está inserida. Desse modo, é correto afirmar que há infâncias e não uma infância única posta como universal. E são várias as interpretações históricas, sociais sobre essa diversidade de infância: A sociologia da infância anglo-saxônica abrange a inscrição das crianças na família, na cultura de pares, entre outros mundos sociais. Mas têm-se uma reduzida importância sobre a análise da instituição escolar. A sociologia francófona estuda a criança como ator social, antes da condição de aluna, mas não deixou de debater essa condição no contexto escolar e nas políticas públicas. Em Portugal, a sociologia da infância se articula com as políticas públicas e dialoga com os estudos da infância do Brasil (SARMENTO, 2008).

Segundo Corsaro (1997 apud SARMENTO, 2008) as principais fraturas no campo da Sociologia da Infância ocorrem em torno do conceito de “reprodução”. E em alternativa a reprodução passiva, o autor contrapõe a “reprodução interpretativa”, onde embora a criança receba estímulos para a integração social, estes não são passivamente incorporados e sim transformados gerando interpretações para a transformação das formas sociais. A partir desta proposta, Sarmiento (2008) argumenta que é possível organizar as correntes sociológicas em dois grupos: tradicionais e de reprodução interpretativa que se subdividem em outras correntes.

Nas teorias tradicionais encontra-se o modelo determinístico que se baseia na inculcação de hábitos como processo de reprodução social. Ou seja se aproxima da infância, como um indivíduo que deve vir a ser civilizado, então basta educa-la modelando saberes, crenças e padrões de conduta (ARROYO, 2008). E o modelo construtivista baseado nas

etapas de desenvolvimento cognitivo e sociomoral conduzido pela ação dos adultos que induz a aquisição de competências, mas apesar de enfatizar o papel das crianças na aquisição da cultura social de pertença, não analisa adequadamente as mesmas como co-construtoras das realidades sociais (SARMENTO, 2008). Já as teorias interpretativas em “contraposição a tradicional visão da infância como um tempo sem voz, sem pensamento, sem maturidade, marcado pela negatividade, se revela uma infância com voz, pensamento, cultura, autonomia, capacidade de fazer escolhas e de construir seu universo.” (ARROYO, p.134, 2008). Embora alguns autores afirmam que há um empasse ao pensar dessa forma, pois a criança ao viver imersa a um contexto de exploração seria então culpada? Aqui entra o conceito de alteridade da infância, onde o “eu” só existe em contato com o “outro”. Logo, as situações para serem superadas não depende unicamente do indivíduo.

6 A INFÂNCIA DE CADA GERAÇÃO DA FAMÍLIA SILVESTRE DE PEDRAS GRANDES-SC: RELAÇÃO COM A HISTÓRIA E A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Essa pesquisa investigou as diversidades intergeracionais da família Silvestre de Pedras Grandes – SC, bem como observou os processos singulares de se viver a infância nessa dinâmica social e cultural, refletindo sobre suas experiências de aprendizagem, socialização e educação.

Para isso analiso as memórias, pois esse processo dinâmico de rememoração “[...] ocupa lugar central na educação das diferentes gerações e na necessária conexão entre memória, história e identidade.” (OTTO, p.24, 2012). Embora o sujeito porte diversas memórias, só se registram fragmentos, chamados de “campos significativos”, estes ao serem lembrados desvelam outras lembranças. Logo, os seres humanos com suas experiências entrelaçadas com o tempo e o espaço, significam suas memórias. Embora a história precise da memória, ambas não são sinônimas. Para produzir pesquisa histórica, a memória precisa ser problematizada criticamente ancorada na história, filosofia, sociologia etc. (OTTO, 2012).

Além disso a abordagem do problema caracteriza-se como qualitativa uma vez que busca compreender detalhadamente os significados e as características das situações

apresentadas pelos entrevistados. Desse modo, “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave.” (PINHEIRO, 2010, p.20).

Dessa forma a metodologia é de natureza básica, pois busca gerar conhecimento para o avanço da ciência sem aplicação prática. Como o objetivo geral foi conhecer as diferentes formas de se viver a infância nas gerações da família Silvestre de Pedras Grandes-SC, foi realizada uma pesquisa de campo utilizando a entrevista narrativa como técnica de coleta de dados.

Visto que há na entrevista narrativa “uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participantes [...]” (MUYLAERT et al, 2014, p.194), foi possível aprofundar assuntos específicos da história de vida dos entrevistados entrelaçado com o seu contexto social. Dessa forma, como o método é qualitativo, a entrevista narrativa foi importante para abordar questões singulares tornando possível compreender “os sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivam (ou justificam) as ações dos informantes.” (MUYLAERT et al, 2014, p.198). Portanto essa pesquisa, também se classifica como exploratória pois possibilita proporcionar “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.” (PINHEIRO,2010, p.21).

Foram entrevistadas 4 pessoas da mesma família com o auxílio do aparelho eletrônico, sendo uma com a idade de 80 anos, duas entre 50 anos que são irmãos, e uma com 17 anos. A escolha dos intervalos das idades é para contemplar as diferentes décadas. Assim sendo, as entrevistas foram transcritas utilizando abreviaturas do nome para não identificar os entrevistados, para isso eles assinaram o termo de consentimento de participação na pesquisa sem identificação. Assim as respostas foram analisadas em três categorias: Convivência familiar e comunitária; Lembranças de brinquedos e brincadeiras; Recordações do tempo de escola.

O quadro a seguir apresenta o perfil dos entrevistados:

Quadro 1: Identificação, ano e local de nascimento e número de irmãos.

Entrevistado	Ano	Local	Sexo	Irmãos
L. G. S.	1938	Pedras Grandes	F	12

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

L.S.	1969	Pedras Grandes	M	5
L.S. A	1970	Pedras Grandes	F	5
J.S. A	2002	Pedras Grandes	F	-----

Fonte: pesquisa realizada com os entrevistados, setembro de 2019.

6.2 Convivência familiar e comunitária

Inicialmente é necessário lembrar que a cada geração mudam-se os atores sociais concretos da infância, com isso novas histórias são contadas. E essas mudanças ocorrem tanto no plano diacrônico, ou seja, ao longo do tempo, quanto no sincrônico, ao mesmo tempo. No entanto, esse estudo foi realizado com o intuito de conhecer como cada geração de uma família experimentou a infância e quais as relações podem ser estabelecidas com a História e a Sociologia da Infância. E assim defende-se a ideia de que não há uma infância universal ao reconhecer a singularidade das diferentes formas de se viver a infância.

Dessa forma ao analisar os relatos da entrevista com as diferentes gerações da família Silvestre foi possível observar as diferenças no contexto familiar, tanto em questões financeiras, infraestrutura e formas de criação:

L.G.S (1938): A nossa comida era natural, da colheita e a água era de vertente. Ao todo, somos em doze irmãos, uma morreu com quinze anos de ataque epilético e a outra com sete meses. Como éramos em muito, se faltasse com respeito já entrava na vara. Nossa moradia era pequena, os quartos tinham soalho de madeira, já na cozinha era soalho de chão (terra mesmo), e tínhamos uma fogueira ali para se esquentar. Nos quartos dormíamos em três cada cama e os mais pequenos dormiam no meio. Conforme os maiores iam se casando, sobrava cama. E assim, os pais tinham bastante filho para ajudar na roça... Então, com dez anos e levava café, almoço para os mais velhos que trabalhavam na plantação de fumo. E com doze, treze anos já trabalhava com eles. E como a nossa família sempre foi católica, rezávamos o terço todo dia e fazia oração antes de almoçar [...]

Haja visto que a entrevistada afirmou que tinha bastante irmãos para ajudar a trabalhar na roça e em casa, essa experiência pode ser relacionada com o modelo determinístico da corrente sociológica tradicional que fala sobre a inculcação de hábitos, valores e saberes como forma de reprodução social. Ou seja, as crianças eram vistas pelos adultos como seres manipuláveis e neutros que garantiriam a sua continuidade. Além disso,

essa situação remete aos escritos de Philippe Ariès (1981) sobre o período medieval francês, em que a criança ao adquirir um pouco mais de autonomia já ingressava no mundo adulto.

O entrevistado L.S e a L.S.A relataram que eram em cinco irmãos e moravam com os pais e os avós. O pai trabalhava de pedreiro, a mãe cuidava da casa e dos filhos, os avós trabalhavam na roça:

L.S.A (1970): [...] nós quatro convivíamos bem, quando a mãe precisava chamar atenção, só batia com a vara na boca do fogão a lenha e se aprontasse apanhava. Nós tínhamos só um quarto, uma cama de casal para as meninas e outra para os meninos. Nós meninas, ajudava a mãe com o serviço de casa, chegava da escola ia preparar mistura, porque não tinha padaria perto e era caro, então a gente fazia bolo de milho, cavaquinho, bolinho de chuva, fazia café... Até porque morávamos com os avós, então a gente recebia muita visita à tarde. Trabalhar na roça a gente ia, ia para levar café frequentemente (o que para nós também era divertido, porque era como se fosse um piquenique, a gente levava a nossa “chicrinha” e tomava café com eles) ai com sete anos nas férias, íamos capinar, plantar mandioca, colher feijão, amendoim [...]

L.S (1960): “[...] A gente ajudava na roça depois que terminava as tarefas da escola, a carpir, plantar, carregar lenha. E com nove anos os “estufeiros” pagavam por dia para gente carregar fumo e dar folha para a pessoa amarrar [...]”

Nesses dois relatos alguns pontos merecem ser destacados, o primeiro é o que Borba (2007) enfatiza sobre o brincar para apropriar-se do mundo adulto de acordo com a realidade vivenciada. Percebe-se que as falas refletem aos estudos de Moreira (1999) que destaca o trabalho infantil como um aspecto frequente no cenário brasileiro. Vislumbra-se aqui as questões de gênero também, porque os meninos ajudavam na roça mas não eram tão cobrados para ajudar no serviço da casa, pois as meninas eram as “responsáveis” por isso. No entanto, nas férias escolares além dos afazeres domésticos as meninas eram chamadas para ajudar na roça. Havia um certo preconceito de que cuidar da casa era o serviço da mulher, por isso as meninas eram as “responsáveis” pela tarefa. A mortalidade infantil também estava presente na narrativa dos irmãos:

L.S.A (1970): [...] Uma de nossas irmãs faleceu aos dois anos de idade por pneumonia múltipla, ela acordou com febre, e foi piorando, a mãe com as filhadas em casa e o pai estava trabalhando longe, teve que ir um vizinho para chamar o pai avisando que a menina estava doente, quando ele chegou precisávamos achar alguém que tivesse uma charrete para levar, quando ela finalmente chegou no hospital na outra cidade faleceu [...]



Esse caso chama atenção para os estudos de Moreira (1999), que ressalta a alta taxa de mortalidade infantil. As causas desse índice eram poucos hospitais e apenas em cidades grandes, e como na experiência descrita acima, ocorre também devido aos meios de transporte que tinham na época, poucas famílias tinham charrete. Outro ponto a ser levantado eram os meios de comunicação como telefone ou celular que não havia, e era necessário encontrar a pessoa para levar um recado.

A entrevistada J.S.A relatou que sua infância foi boa e não foi marcada pelo trabalho infantil:

J.S.A (2002): Eu sou filha única, minha infância foi bem boa. Brinquei muito com minha prima pois passamos bastante tempo juntas na casa da minha avó, porque nossos pais trabalhavam. Gostava bastante de sair com o pai, qualquer sinal de que ele estava saindo eu ia atrás dele. Até os seis anos aproximadamente, tive festas de aniversário, assim para a família né [...] fiz catequese, ia a missa as vezes no sábado e domingo. [...]

Constata-se assim o que Sarmiento (2008) afirmou sobre as diferenças geracionais dentro de uma sociedade, pois apesar de que por muitos anos o trabalho infantil foi visto como constitutivo do papel social da infância nesse contexto, atualmente essa situação é proibida por lei que protege a integridade física da criança.

Vislumbra-se nos relatos a memória seletiva ligada a afetividade, pois percebe-se que o pai da J.S.A era mais presente que os demais, um pouco se deve ao fato das condições de trabalho serem melhores de forma que ele podia ter mais contato com a filha, que aliás era a única, os pais dos entrevistados anteriores além do trabalho, tinham mais filhos para cuidar. No entanto, percebe-se também que a casa da avó era um espaço para a sociabilidade, tanto para L.S, L.S.A e J.S.A, porque vivenciaram momentos de brincadeiras com os primos.

Outro ponto importante analisado foi como a religião Católica se fez presente em todas as gerações. A partir dos relatos verifica-se que com o passar do tempo, os mais velhos não cobravam rigidamente a frequência de participação das missas e em eventos ligados à igreja.

6.3 Lembranças de brinquedos e brincadeiras

Os brinquedos e as brincadeiras apesar dos percalços do cotidiano sempre estiveram presentes em todas as gerações entrevistadas.

L.G.S (1938): [...] Nós brincávamos até nove, dez horas da noite, correndo em redor de casa, brincava de “ré” (esconde-esconde), galinha quer por, de roda, amarelinha, cozinhadinha e etc. A gente fazia bonecos de sabugo, boi de palha [...] nas datas comemorativas a gente ganhava só bala. Mas como minha irmã ficou manca, um dia a madrinha levou uma boneca de pano para ela, e como a gente nunca tinha tido uma boneca, no mesmo dia a gente resolveu abrir ela para ver o que tinha dentro, ela puxou uma perna e eu puxei a outra e a boneca se esstraçalhou, tivemos que esconder ela, com medo de apanhar [...]

L.S (1969): “[...] A gente brincava de pegar, de roda, bolinha de vidro, esconde-esconde, ia colher fruto no pé e jogava goiaba podre um no outro, caçava com “funda” os passarinhos, apesar de nunca acertar... Gostava de pescar com o pai no riacho e nos domingos a casa cheia de primos, porque brincávamos bastante [...]

L.S.A (1970): [...] A gente costumava brincar lá para o final da tarde, geralmente eu e a minha irmã mais nova, ai brincávamos de casinha, boneca, de vôlei, como em volta de casa tinha muito mato e era escuro, quando estava anoitecendo, a gente já voltava para dentro de casa. Nos domingos a gente fazia a festa, porque a casa enchia de primos que iam visitar a vó, ai a gente brincava de roda, elástico, corda [...]

J. S. A (2002): “[...] Eu e minha prima a gente brincava de casinha, as vezes de fazer bolo com a “terrinha”, boneca, bola, pular corda. E de alerta quando vinham as amigas da escola. Sempre que dava a gente estava brincando. Mas a gente gostava bastante era de assistir os desenhos animados que passavam de manhã cedo na televisão [...]

Logo a partir dos relatos acima é possível analisar que:

A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros – adultos e crianças. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura. (BORBA, 2007, p.34).

Novamente se faz presente as teorias interpretativas da nova Sociologia da infância, pois embora a criança reproduza por meio das brincadeiras as situações vivenciadas, ela não representa o mundo passivamente, visto que há a reinterpretação do mundo e uma produção de novos significados.

6.4 Recordações do tempo de escola

A singularidade das diferentes formas de se viver a infância também podem ser observadas nas recordações do tempo de escola.

L.G.S (1938): [...] depois com doze anos fui para a escola, era um colégio de freiras, mas tinha professora Mãe de família também. A professora passava as coisas no quadro negro e a gente escrevia no caderno com tinteiro. Os alunos que eram bagunceiros tinham que ajoelhar no milho ou levavam reguada. E no meu tempo aqui na cidade só tinha até a terceira série, da quarta série em diante, só tinha em Tubarão, a professora conversou com meu pai para ir para lá, mas ele não deixou porque nós tinha que trabalhar na roça [...]

Isso relembra a infância em Roma, marcada pelo pátria *potestas*, em que segundo Corazza (2000) era o pai quem tinha total autoridade sobre a vida dos filhos. Esse caso traz a ideia da criança submissa e dependente, no entanto não significa que ela não tenha tido voz, mas que a voz dela não foi ouvida.

Em consequência disso, seus filhos L.S e L.S.A completaram todo o Ensino Fundamental:

L.S (1969): [...] comecei a estudar com seis anos na primeira série, eles só me matricularam cedo para a escola não fechar porque tinha pouco aluno na Cachoeira Feia. Depois continuei até a oitava série. Os trabalhos de escola, a gente fazia na biblioteca, ai se estudava de manhã, voltava a tarde para fazer, e como era longe, o pai comprou uma coleção de livros para gente fazer os trabalhos em casa; Meus dois irmãos mais velhos estudavam na praça, e na segunda série fui para a outra escola, para acompanhar meu irmão que rodou. Assim terminei todo o Ensino Fundamental. Íamos para a escola de a pé por 2km, íamos brincando, rindo, colhendo fruta da estrada, quando chovia íamos molhando uns aos outros pulando nas poças [...]

L. S. A (1970): “[...] eu estudei até os quinze anos. Fiz até a quarta série na escola que era atrás da Igreja, depois veio o colégio novo e terminei até a oitava... Os castigos físicos não tinham tanto, era mais só cheirar a parede quando incomodava [...]”

Um pouco diferente da realidade vivenciada por L.G.S, mas não tão distante, pois a mesma narrou que haviam os castigos físicos como reguada e ajoelhar no milho para os alunos desordeiros. Essa situação pode ser comparada aos escritos de Ariès (1981, p. 165):

A escola e o colégio [...] se tornaram no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separa-las da sociedade dos adultos.

No entanto com o passar dos anos percebe-se o desenvolvimento do sentimento de repugnância sobre os castigos físicos como forma de disciplina. Assim como narra a entrevistada J. S. A (2002):

[...] Meus tempos de escola até os onze anos foram bons, tinha bastante amigos. Tive professores bons, alguns mais bravos, outros nem tanto. Geralmente eles só chamavam a atenção de quem bagunçava, e quando fosse o caso chamava os pais para conversar. A escola ficava no centro mas passava o ônibus, aí íamos conversando e rindo no ônibus. Era divertido.

Outro aspecto notório são os meios de chegar a escola, pois embora nos anos de 1938, 1969 e 1970, os entrevistados relatam que tinham que caminhar bastante para chegar a escola, os mesmos afirmam que o caminho era divertido pois brincavam durante o percurso assim como menciona a entrevistada de 2002, mas a diferença era que o caminho era realizado de ônibus.

7 CONCLUSÃO

Ao buscar responder quais as diferenças geracionais vivenciadas pelas infâncias na família Silvestre de Pedras Grandes – SC a partir da caracterização da infância de cada geração, foi possível estabelecer relações com a História e a Sociologia da Infância.

Desse modo conceitos como “adulto em miniatura” que aparecem com frequência nos textos de Ariès (1981) podem ser novamente observados nos relatos dos entrevistados L.G.S, L.S, L.S.A, pois quando os mesmos haviam um pouco mais de autonomia já ingressavam no mundo adulto para os auxiliar nos trabalhos da roça e da casa. Além disso, foi possível relacionar as narrativas dos entrevistados L.G.S, L.S, L.S.A com os aspectos Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

históricos como: a alta taxa de mortalidade infantil nos anos 60 do Brasil, os castigos físicos utilizados para a formação de valores e o trabalho infantil. No entanto, o que por muito tempo foi considerado normal na vivência da criança, com a entrevistada J.S.A pode se perceber que no decorrer dos anos essas características foram criticadas e condenadas.

Outra questão interessante levantada por essa pesquisa foram como as mudanças geracionais apresentaram questões sociológicas da infância diferentes. Pois cada relato permitiu vislumbrar situações ligadas ao modelo determinístico tradicional, em que a criança é vista como uma “marionete” na mão dos adultos, de modo que a inculcação de hábitos servisse apenas para garantir a sua continuidade. Mas também se fez presente a ideia de que a criança embora reproduza por meio da brincadeira o mundo em que vive, ela produz novos significados, trazendo assim o conceito das teorias interpretativas da nova Sociologia da infância.

Essa pesquisa evidenciou que não há um padrão para se viver a infância. Pois cada criança experimenta essa fase de um modo diferente, seja por conta das diferenças geracionais como ressaltou esse estudo, ou devido as desigualdades sociais, de gênero, estrutura familiar e entre outros fatores. Portanto pode ser realizado outros estudos a partir desse englobando as diferenças diacrônicas e sincrônicas.

REFERÊNCIAS:

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed, Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 279 p.

ARROYO, Miguel G. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M.C.S. (Org.). **Estudos da Infância: educação práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 119-140.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade**. 2. ed. Brasília, 2007, p. 33-45. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 26 ago 2019.

CORAZZA, Sandra Mara. **História da infância sem fim**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2000. 390 p.

FERNANDES, Rogério. KUHLMANN, Moysés Júnior. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (org.). **A infância e sua educação – materiais, práticas e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOREIRA, Maria de Fátima das Neves. **A infância no passado brasileiro**. São Paulo: Scipione, 1999.

MUYLAERT, C.; SARUBBI JR, V.; GALLO, P.; NETO, M.; REIS, A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 1 dez. 2014.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. 1. ed. Florianópolis: NUP, 2012. 115 p.

PINHEIRO, José Maurício. **Da iniciação científica ao TCC: uma abordagem para os cursos de tecnologia**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010. 161 p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 361- 378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2008). Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In SARMENTO, Manuel Jacinto e GOUVÊA Maria Cristina Soares de (org.) (2008). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis. Vozes (17-39)